

## A paisagem mental de um grupo de idosos: histórias de vida e o AT-9

*The mental scenery of an elders group:  
stories of life and the AT-9*

Olga Hack  
Altair M. L. Loureiro

**RESUMO:** O presente artigo resulta de pesquisa qualitativa direcionada à recolha de dados identificatórios, tanto da realidade individual como grupal, de oito idosos com mais de 60 anos que frequentam o Grupo *Mais Vividos*, no Serviço Social do Comércio (SESC), de Taguatinga Norte/DF, na sua dimensão simbólica. A temática está voltada ao desvendamento do imaginário do grupo, do registro da criação, surgimento da Instituição, seu desenvolvimento no tempo, sua história e a organização estabelecida como processo acolhedor destes idosos na instituição. Estes dados se encontram desenhados em fatos históricos armazenados na memória, emergidos para um compreender nas bases da hermenêutica descritos nos processos holonômicos, com a análise das histórias de vida e do imaginário, com sustentação nas obras de: Durand (1989;1993;1996;2001), Packter (2000;2001;2002), Paula Carvalho (1990;1998), entre outros autores, e nos achados gerontológicos. Foi realizado com o grupo o Arquétipo Teste de Nove Elementos – AT-9, de Yves Durand, e a escuta das histórias de vida: metodologias utilizadas na tradução da dimensão simbólica daquelas vidas - individual e grupal - contidas nos conjuntos de imagens, intencionando conhecer como os idosos do grupo encaram a angústia do passar do tempo e o medo da morte. A Paisagem Mental desenhada evidencia pistas para a reorganização antropolítica, se desejada pelo grupo *Mais Vividos* do SESC.

**Palavras-chave:** Imaginário; Histórias de vida; Paisagem mental; Idosos.

**ABSTRACT:** *The present article is the result field with the purpose of collecting identificatory data, both of individual and group reality of eight elderly people over sixty years who attend to a Brazilian group called Mais Vividos located in the Federal District of Taguatinga more specifically in an institution called SESC, in its symbolic dimension. The main aim of this research is to unravel the imaginary of the group, its creation records/emergence in the institution, development over time, history as well as the established organization as a process of welcoming these elders in the institution. These data are drawn in historical facts stored in memory, emerged for a better understanding, based on Hermeneutic foundations stabilised in holomonic processes with the analysis of stories gathered in life and imaginary, with support in the works of: Gilbert Durand, Packter, Paula Carvalho, among other authors as well as gerontology findings. It was performed with the group the Nine Elements Test archetype - AT-9, from Yves Durand, and the listening of stories of life: methodologies used in the translation of the symbolic aspects of those lives - individual and group - stored on the set of images or pictures, with the intention to know how the elders of the group face the anguish borned in the passage of time and the fear towards death. The Mental Landscape designed in this dissertation reveals important clues to the Anthropological reorganization, if desired by the group Mais Vividos of SESC.*

**Keywords:** *Imaginary; Stories of life; Metal scenery; Elders.*

## **Introdução**

*O verdadeiro “contrato social” é o do amálgama das contradições, das inflexões das maiorias, das concessões sistêmicas no lento bailado da história. (Gilbert Durand, 1996).*

Em palestra ministrada no Serviço Social do Comércio (SESC) de Taguatinga Norte para o grupo *Mais Vividos*, sobre Historicidade e Tempo na Velhice (Hack, 2007a: 55), observou-se, nos fatos surgidos naquela exposição, a necessidade de construção do processo histórico deste grupo, em conjunto aos dados individuais que poderiam ser relatados e observados para provocar vínculos ou rupturas entre estes componentes.

Outro dado pertinente no momento era obter o registro da criação/surgimento e desenvolvimento no tempo, sua história e a organização estabelecida como processo acolhedor dos idosos nesta instituição. Assim, teremos a partir desta proposta de reorganização histórica do grupo, uma pesquisa, onde, no delongar do processo recordatório, convergiremos as complexidades existentes nas construções sociais/grupais, notadamente com os idosos, ao coligar a vertente individual e grupal dos frequentadores desta comunidade, em prol de um conhecimento mais específico de sua organizacionalidade.

Como decorrência de estudos desenvolvidos na abordagem gerontológica, em sua amplitude junto aos conhecimentos multidisciplinares, observa-se, na sua interdisciplinaridade ou interdimensionalidade, a busca pela visão do todo – do “holons”<sup>1</sup> - que compõe a pessoa idosa em suas necessidades, formas de estar no mundo<sup>2</sup> e, principalmente, pela qualidade de vida: perseguida ao longo de toda a existência na interação com outros indivíduos e na convivência em grupos sociais variados. Desta forma, na relação com o grupo de idosos, com suas fontes pontuadas mnemonicamente, quer dizer, no reviver as situações selecionadas, contadas hoje, mas acontecidas preteritamente, temos a jorrar chuvas de imagens significadas com seus significantes em um contexto, histórico/tempo: “enxames de imagens” (G. Durand, 1989: 29-30), compostas e impressas na corporeidade, na fala, no desenho e na narrativa do Arquétipo Teste de Nove Elementos - AT-9 (Durand, 1988), expressando ideias de vida e de morte. Estas imagens relacionais traduzem o tom da afinação dialogal, ao disporem no relacionar-se em grupo e ao contar seus inéditos pessoais, ou seja, a descrição dos percursos de suas vidas.

---

<sup>1</sup> “Arthur Koesther criou a palavra “holons” para designar esses subsistemas que são, simultaneamente, ‘todos’ e ‘partes’, e enfatizou que cada “holon” tem duas tendências opostas: uma tendência integrativa, que funciona como parte do todo maior, e uma tendência auto-afirmativa, que preserva sua autonomia individual. Num sistema biológico ou social, cada “holon” deve afirmar sua individualidade a fim de manter a ordem estratificada do sistema, mas também deve submeter-se às exigências do todo a fim de tornar o sistema viável. Essas duas tendências são opostas, mas complementares.” (Paula Carvalho, 1990: 213).

<sup>2</sup> “Bachelard demonstrou com sua obra que a organização do mundo – ou seja, as relações existentes entre os homens, entre os homens e a terra, entre os homens e o universo – não é o resultado de uma série de raciocínios, mas a elaboração de uma função da mente (psíquica) que leva em conta afetos e emoções. Nesta perspectiva, ele coloca algumas ideias básicas: que o símbolo permite estabelecer o acordo entre o eu e o mundo.” (Pitta, 2005: 16).

As constelações<sup>3</sup> de imagens afloradas no processo de colheita/oferta dos dados míticos, por meio da escuta das histórias oferecidas pelos idosos e do AT-9, localizadas no “Trajeto Antropológico” - dito por Durand (1989: 29) como sendo “a incessante troca entre as pulsões subjetivas e as intimações do meio cósmico e social”- serão direcionadas para a identificação da estrutura do imaginário subjacente às ações do grupo. Esta plasticidade viva, remetida às constelações de imagens, está representada no micro universo mítico de cada um dos sujeitos idosos formador do universo mítico do grupo, e poderá assim, ser lido à luz da Teoria do Imaginário, nos protocolos do teste AT-9, de Yves Durand. Outros pesquisadores estudiosos do imaginário e adeptos da utilização do AT-9 e da escuta de Histórias de vida virão a ser chamados a fundamentar ou modificar o nosso discurso, nos momentos oportunos.

A pesquisa está voltada para o desvendamento do imaginário do grupo *Mais Vividos* na Instituição SESC; quer dizer: levantar, conhecer o imaginário do grupo - imaginário entendido como o conjunto relacional de imagens. Durand (1989), ao citar Bachelard, alude ter “a imaginação um dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador ao apresentar-se como fator de homogeneidade na representação” direciona nosso campo de visão. Os resultados, se permitidos pela organização e se requeridos pelos idosos, objetivam uma melhor qualidade da vida do grupo, bem com uma possível reorganização do próprio grupo, considerando a dimensão simbólica, ou seja, a paisagem mental do grupo decodificada.

Vemos que nesta união de técnicas metodológicas a riqueza está no processo de *re-ligare* das representações simbólicas, quando as histórias de vida dão o profundo do estudo; o imaginário, assim levantado oferece as características de nosso tempo, os vetores ou pistas para o alcance dos objetivos: organizar o grupo considerando a dimensão simbólica - o seu imaginário - propugnando por uma “organizacionalidade antropolítica” (Paula Carvalho, 1990: 16-7), entendida como uma (re) organização em constante (re)fazimento, centrada no mutante antropos, no caso o idoso, com ele e não para ele.

Pautados na reconstrução de questionamento desenvolvido com o grupo *Mais Vividos*, refletimos sobre os dados recolhidos nos procedimentos e resultados da

---

<sup>3</sup> O imaginário tende a mostrar (na convergência) amplas e quase constantes “constelações de imagens”, que parecem estruturadas por certo “isomorfismo dos símbolos convergentes” (G. Durand, 1989: 29-30). A posição das imagens em uma trama, demonstrando a relação entre os símbolos [...], ou seja, agrupamentos de imagens isomorfizantes dos símbolos (Loureiro, 2004b: 19-20).

pesquisa, atentando às forças patentes e latentes que o processo antropológico intui pelas bases da hermenêutica, da Filosofia Clínica e da Teoria do Imaginário, de Gilbert Durand. Com isso, buscamos fundir as especificidades inerentes à relação homem/mundo como representação simbólica de sua integração ao “meio cósmico” e social, em busca do alcance da paisagem mental objetivada na pesquisa.

## 1. Visões Gerontológicas

Os sujeitos ao longo da vida lutam pela permanência na cotidianidade, se portam de forma consciente e madura reforçando o seu papel existencial de autor; como um trilheiro das simbologias da construção vital, julga a procedência do ato para cada etapa de sua história de vida, exercendo sua liberdade. “Quando se é jovem, o envelhecimento e a velhice parecem realidades muito distantes, muito longínquas. Imaginamos e fantasiamos que só os outros é que irão envelhecer e somente o ser ao nosso lado ficará velho e morrerá.” (Mascaro, 2004: 7). O velho contemporâneo apresenta e representa-se à comunidade na quebra com alguns tabus da idade. Sua situação, participatividade e longevidade estão mudando a pirâmide etária de nossos tempos:

Em nosso país, o tema velhice é da maior importância, pois, com o aumento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade, houve um crescimento do número de idosos na população brasileira. Em 1970 o país tinha 4,7 milhões de pessoas com mais de 60 anos; em 1980, já eram 7,2 milhões; e em 1991, a população de idosos cresceu para 10,7 milhões. A projeção para o ano 2000 é de 13,0 milhões e para 2020, de 27,2 milhões de idosos. A expectativa é de 67 anos, devendo alcançar os 72 anos até o ano 2020. Nesta data, o Brasil terá a sexta maior população idosa do mundo. (IBGE, 1995).

Este indivíduo, como sujeito em desenvolvimento continuado e inacabado, alça o envelhecimento à sua identidade pessoal, com uma visão de mundo interligada ao processo de maturidade e reconhecimento de si.

Sua vida está repleta de projetos e grupos de convivência, o que lhe permite a inclusão como parte integrante deste construto social; para o velho não há isenção de tarefas, muito pelo contrário, ele se mostra capaz a todos os tipos de atividades

familiares e sociais. Néri apresenta que no campo do desenvolvimento do adulto e do idoso, o termo maturidade é usado principalmente em três sentidos relacionados: o primeiro seria o cumprimento de normas etárias de que o grupo dispõe; num segundo, o alcance de uma qualidade ou virtude do eu; e em um último, o indicador de saúde mental positiva na meia-idade e na velhice (Néri, 2005).

A vida como um instrumento em causa própria, nesta faixa etária, pode ser conduzida como o “eterno retorno” da superação de si mesma, apesar das incongruências ocorridas nas diversas circunstâncias. As experiências proporcionam alternativas consideráveis à transposição de problemas, como vemos nos suportes utilizados em questões inerentes aos desconformes naturais ocorridos na cotidianidade. Hillman (2001: 158) reflete que “o mito do Eterno Retorno é baseado numa premissa radical: o tempo é cíclico; o que acontece agora já aconteceu antes e acontecerá de novo em algum nível básico, se não exatamente em cada detalhe”. Neste patamar da vida vivida há, entre estes sujeitos velhos, causas imanentes à longevidade e ao desejo por vida, independente do tempo que lhes restem nesta projetiva futura. A procura será sempre por superação e por mecanismos que possam lhes proporcionar dias cada vez melhores e mais longos em expectativa de vida. Desta forma, “a sabedoria é a qualidade que melhor exemplifica o significado de virtude atribuído à maturidade” (Néri, 2005: 126), juntamente com a capacidade de dar conselhos, se representar e se permitir nas trocas com amigos, filhos, netos e bisnetos.

A vida vivida e coletada de si mesma dá o prisma e os valores a cada homem de maneira diferenciada, e a estes adereços, a natureza emanada de ser homem velho, pinta sabores a passos lentos, lhe determinando se desenvolver em um dia de cada vez; como frutos a alimentar os enfrentamentos provocados para resolução dos problemas da existência, criando enlaces de símbolos por entre o nascer, crescer e envelhecer, para, a partir daí, deixar-ser em um estado de equilíbrio na cotidianidade. Em Morin (1990: 31) lê-se que “o desequilíbrio que alimenta permite ao sistema manter-se em aparente equilíbrio, em estado de estabilidade e de continuidade”. Assim, alguns movimentos existenciais alcançaram o singular e outros a coletividade, mas sempre em forças recursivas a provocar sua repercussão no todo social e na temporalidade.

Neste caso, o construto histórico revela todo este processo de formação e desenvoltura da presença do velho, o campo de atuação em cada instante, onde se encontram representados os papéis sociais e as suas experiências recolhidas e impressas

ao longo de toda uma vida. Para Loureiro (2000: 48), “o tempo imaginado choca-se com o inevitável tempo presente e, na tentativa da sobrevivência ou da convivência com o contemporâneo (...) o homem cria e adota a metáfora”. Portanto, a maturidade acontecida ou conquistada no sujeito velho, como representações das forças patentes e latentes que o seu interior ativo e o mundo exterior suplantou ou enalteceu, lhe servem de respostas e projetivas para as questões vindouras.

Na teoria gerontológica, a capacidade de resolução de problemas para a continuidade da vida é um quesito de importância nos momentos do envelhecimento. A possível senilidade e as demências são fatores de presença e paralisação do velho. É na diversidade da procura pelo melhor viver, porém, que nos revelamos com as devidas comparações e escolhas: por entre o estado de facilidades adquiridas com a maturidade, advindas da soma de experiência até esta fase de vida.

### **1.1 O homem na dimensão temporal da maturidade como fonte existencial**

Na dimensão temporal da maturidade, a idade que o idoso conhece ter pela sua documentação, ou seja, a idade cronológica documentada na certidão de nascimento dos parâmetros sociais difere do seu tempo subjetivo. A relação estabelecida entre a massa corpórea e a massa pensante passa a ser representada na capacitação do que ainda pensa poder fazer e desfrutar da própria vida. É neste espaço privilegiado, da construção continuada do pensamento, que a maturidade encontra acolhimento e desenvolvimento pessoal, como representa Néri (2001), ao dizer que “a vida madura passa a ser um momento de culminância biológica, psicológica ou social do ciclo vital, em que o indivíduo exhibe as estruturas ou os comportamentos esperados para a sua idade”. Deste modo, esta estruturação do indivíduo na velhice representa o seu tempo subjetivo de ser sujeito de si, em modelar, direcionar e dizer qual o espaço que deseja ocupar, quais as condições para algumas transposições de dificuldades, as coisas que ainda deve aceitar ou descartar e as formas de vida que deverá eleger como prioridade para viver melhor o seu tempo.

Este reconhecimento de si, na condição que se apropria no contexto, faz com que o homem tente viver em sua concha subjetiva temporal, não abrindo o verso ao reverso, o lado de dentro ao de fora, mostrando uma suposta apropriação do que ainda parece ser seu: o tempo subjetivo e a natureza de poder fazer suas atividades cotidianas ao recobrar

as experiências de vida do mundo possível, retidas em suas memórias, ou numa outra vertente, que “lute garridamente para conseguir ser visto na invisibilidade que a sociedade impõe ao velho.” (Loureiro, 2005).

## 1.2 A integralização dos fatores culturais e intergeracionais na velhice

A contagem temporal de vida vivida, na dimensão espacial desejada pela pessoa idosa é simultaneamente proporcional e correspondente à idade dita pelo seu tempo subjetivo, ou seja, o mundo do possível é a capacidade que este indivíduo tem em promover suas atividades com autonomia. Nesta etapa da vida, gerada na atualidade com a longevidade, o tempo se delonga na lucidez dos projetos sociais que este indivíduo ainda poderá promover na vida comunitária, em família e nas relações intergeracionais. Através das reminiscências de suas experiências, permitidas em situação presente na composição histórica de sua vida, o idoso apresenta um manancial de informação necessária para facilitar a vida de outrem na solução de suas dificuldades. Esta convergência de culturas promove um crescimento e uma condição de participação na cotidianidade, promovendo mais vida ao idoso, por se sentir útil e fazendo deste um princípio de enfrentamento das dificuldades de percurso. Assim, o movimento promovido nestas reestruturações de identidades, apresentadas no processo de envelhecimento, gera, como nos apresentam Faleiros e Rebouças (2006):

Essas habilidades de ‘sacudir a poeira e dar volta por cima’, conforme o samba de Vanzollini, que significam estratégias de enfrentamento, implicando recursos, dispositivos, relações e condições que se encontram estruturadas, mas também, traçadas em relações de interesse, de luta individual e coletiva no processo de hegemonia e de contra-hegemonia que se caracteriza como *empowerment* ou apoderamento (2006: 116).

A intergeracionalidade social aprimorada nas formas de cultura com a pré-disposição à longevidade habilitou o homem a viver mais. A estruturação psíquica ficou mais restabelecida e lúcida para viver um amanhã com autonomia e qualidade de vida. Esta nova primazia suscitou uma capacidade de repassar conhecimentos e informações

na dimensão do instante, globalizando o homem independentemente da localidade que esteja e fortalecendo sua vida em grupos de convivência.

## 2 O Imaginário

O imaginário é a chave de qualquer estudo na Ciência do Homem, na antropologia [...] é o reservatório antropológico onde podemos recortar esquemas e trajetórias, utilizando as imagens que distribuem as culturas ou as análises psicológicas que me distribuem as intenções da história, os estilos, diz Gilbert Durand. (Durand, como citado por Paula Carvalho, 1998: 37)

O imaginário, segundo Durand (*apud* Loureiro, 2004b: 16) é a “arma dada ao homem para vencer o tempo e a morte”, como um enfrentamento à vida e à temporalidade; é “o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do ‘homo sapiens’” (Durand, 1989: 23); “é o grande denominador fundamental, onde vêm se arrumar (ranger) todos os procedimentos do espírito humano” (Pitta, 2005: 14). O imaginário, muito longe de ser a expressão de uma fantasia delirante, desenvolve-se em torno de alguns grandes temas, algumas grandes imagens que constituem para o homem os núcleos ao redor dos quais as imagens convergem e se organizam.

Neste prisma hermenêutico de interação e integração de fatores holonômicos a permitirem à compreensão dos “pontilhados” deixados pelo homem, encontramos rastros de vida, a provocar e dar sentido ao mundo. Valemo-nos da Teoria do Imaginário, para o desvendamento e observação dos vetores possíveis à visão do todo, gerando significados e símbolos ao que entendemos por um grupo de idosos, e mais especificamente, pelo que buscamos desvelar no grupo denominado *Mais Vividos* do SESC de Taguatinga Norte/DF, e assim, pensarmos o envelhecimento e seu dimensionar dentro dos grupos de convivência, como bem o reflete Loureiro:

Viver muito, ou mais, não é o mais importante, o que interessa é viver bem! [...] o imaginário, vivo e criativo, contém as reservas de crenças nas possibilidades do homem. Ser ainda necessário é a dialética, numa oposição à inutilidade pretendida pela sociedade, assim como se sentir belo, num sentido profundo de estética, é a oposição ao sentimento

imposto da percepção desviada pela lente ideológica do feio que estereotipa. (Loureiro, 2000: 38).

O indivíduo, ao abarcar o mundo à sua maneira, reforça a construção da organização de uma coletividade, participando da elaboração da cultura de seu tempo, cria a cada instante o universo. As observações dizem que

estamos no próprio coração do retorno das figuras míticas no festivo contemporâneo, uma celebração das raízes, uma busca desenfreada dos símbolos, o desejo de estar ligado novamente à alteridade através de arquétipos que não se apresentam, mas são vividos (Maffesoli, 2007: 46).

Este construto é parte de um campo histórico desenhado, mapeado, à maneira de uma grande colcha de retalhos, a inserir/formular e reformular os caminhos em forma de componentes interagidos, em cada fase da vida a decifrar seus vários pertences e acomodados em símbolos, suas constelações, deixando suas marcas na construção do mito.

## 2.1 Trajeto antropológico

Trajeto antropológico, como já explicitado, é o caminho circular que no imaginário é percorrido por nossas “pulsões subjetivas” (interiores), simbiotizadas com as “intimações” (exterores) advindas do “meio cósmico e social” (Durand, 1989: 29). A teoria do imaginário de G. Durand compõe a sustentação às leituras dos protocolos do teste AT-9, de Yves Durand, ao se abrirem para o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*” (Durand, 1989: 14). Nesta possibilidade se considera tanto o aspecto psicológico quanto o cultural, quando há a evidência da reação ante o problema da temporalidade e o medo da morte. As imagens emanadas do encontro entre as individuais e íntimas representações, com o seu exterior nos mostrarão a simbiose entre interior – latente – e exterior – patente.

A busca do imaginário acontece no “trajeto antropológico”; imaginário este que os idosos deixam emergir nas suas falas, histórias de vida e nos desenhos - nas imagens

com que representam pictoricamente os elementos do teste - e na narrativa provocada pelos estímulos arquetípicos do teste AT-9. O que a leitura expressa é a obtenção de fatos simbólicos materializados por uma imagem (desenho) e um sentido (discurso), ou seja, a organização destes fatos em um subconjunto signifiante: por um objetivo na realização da unidade solicitada nas consignas do teste, necessitando a pesquisa de uma temática, verdadeiramente, de um “cenário”; o procedimento linguístico de simbolização graças a um questionário (Durand, 1988, *apud* Loureiro, 2004b: 13)<sup>4</sup>. A obtenção dos resultados dá a luz a todo este processo conjunto de desvendar o imaginário do grupo *Mais Vividos*, do SESC de Taguatinga Norte (DF).

## 2.2 Regimes de imagens

Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova. [...] As imagens são, do nosso ponto de vista, realidades psíquicas. Em seu nascimento, em seu impulso, a imagem é, em nós, o sujeito do verbo imaginar. Não é o seu complemento. O mundo vem imaginar-se no devaneio humano. [...] a imagem é deduzida do movimento. (Bachelard, 2001: 3; 14; 95).

Nesta dimensão, voltados à pesquisa das histórias de vida, observamos que os idosos componentes do grupo *Mais Vividos*, vieram de outras localidades para construir Brasília, trazendo na mala seus melhores pertences, ou seja, todo um modo de vida a ser reciclado e reformulado para uma permanência numa localidade estranha e diferente da costumeira, mas que também influíram na cultura que se formou na cidade – Distrito Federal. Entre os relatos encontramos frases como “quando viemos para cá, aqui era terra de ninguém”, “Não tinha nada, era tudo terra e lama”, “tínhamos que sair de Taguatinga e ir fazer compras de caminhão no Núcleo Bandeirante. A esse respeito, diz Loureiro:

O homem, nesta diversidade cultural dos dispares povos, submerso no seu contexto, impregnado pelo seu entorno característico e cioso de suas matrizes profundas dentro de si mesmo – os arquétipos -, aceita, ou não, os fatos; luta, ou não reage, contra coisas estranhas a si ou aos

---

<sup>4</sup> Todas as citações da obra de Yves Durand, presentes neste texto, são traduções livres da Prof.<sup>a</sup> Altair Macedo Lahud Loureiro.

outros povos. Daí a possibilidade diurna ou noturna de as imagens se apresentarem como classificação de seu imaginário (1998: 56).

Para Gilbert Durand, a isomorfia entre os esquemas, os arquétipos e os símbolos presentes no âmago de sistemas míticos ou constelações estáticas, permite-nos confirmar a existência de certos protocolos normativos das representações imaginárias, claramente definidos e com relativa estabilidade, que se agrupam em torno dos “schèmes” originais a que ele denomina estruturas, as quais, por sua vez, agrupadas quanto a sua proximidade, definem o que chamou de regime de imagens (Durand, 1989: 63). Nós também substituímos a contradição do “diurno” e “noturno” – herança de Guy Michaud – por uma tripartição estrutural (esquizomorfa ou heroica - mística ou antifrásica – sintética, dramática ou disseminadora). (Durand, 2001: 81)

O regime diurno é caracterizado, pela antítese polêmica das estruturas heroicas ou esquizomorfas, relacionadas com a dominante reflexa postural, cuja simbólica se expressa pela distinção e oposição entre os símbolos. Durand registra, neste regime, a “teriomorfia” - o simbolismo animal -, a “nictomorfia” – o simbolismo das trevas – e a “catomorfia” – representando o simbolismo da queda. Considera, ainda, os símbolos espetaculares: dizendo respeito à luz, ao luminoso; e os simbolismos diaréticos, símbolos referentes à superação cortante entre o bem e o mal (Durand, 1989). “O regime diurno expressa a dialética entre o simbolismo da fuga diante do tempo, e a vitória sobre o destino e a morte: a contraposição positiva ao negativo (vida x morte).” (Loureiro, 1998: 13-4).

O regime noturno abarca, em si, duas formações ou agrupamentos constelados de imagens: uma caracterizada pela simbólica da intimidade, do aprofundamento e da penumbra nas estruturas místicas ou antifrásicas, que evita a polêmica, a procura pela quietude e o prazer; e outra que concilia intenções de luta e de aconchego, caracterizada pela simbólica progressiva ou cíclica, das estruturas sintéticas, dramáticas ou disseminatórias. Lembrando as dominantes reflexas posturais acima referidas, encontramos assim, o regime noturno relacionado às dominantes de nutrição e copulativas ou de movimento.

### **2.3 As estruturas e a não-estrutura**

As estruturas têm em si uma força organizadora pela sua forma e disposição para a construção simbólica existencial. Lupasco acrescenta que toda “a estrutura profunda é um sistema material de força em tensão” (Durand, 1989: 13). O que elas simbolizam passa pelos canais do eterno retorno, sempre a se decodificarem e transporem em uma base fundante, no construto imaginário nas motivações da vida. Segundo Gilbert Durand (1989: 13) não se pode falar de “estruturas” senão quando as formas deixam o domínio da troca mecânica para passar ao do uso semântico, ou quando o estruturalismo aceita de uma vez por todas ser “figurativo”. Estas formas se transbordam em combinações diversas pelas vias das dicotomias existenciais de vida e de morte; ao buscar formas mais apropriadas para as questões cotidianas, quando dispostas em meio ao mundo dos contrários, redundâncias, advertências, cuidados perante o perigo, entre outras situações representadas pelos “sujeitos criadores”.

Yves Durand distingue duas categorias principais de produções com “estruturação defeituosa”: aquelas “não-estruturadas verdadeiras” e as “pseudo-desestruturadas”. As não-estruturadas verdadeiras se caracterizam, às vezes, por um desenho “explodido” (cada elemento desenhado separadamente) e por um discurso “analítico” (apenas descritivo dos elementos), não exprimindo nenhum cenário, nenhum agrupamento dos elementos (Durand, 1988: 132). As produções pseudo-estruturadas correspondem a um desenho igualmente “explodido”, o que faz pensar em um imaginário desestruturado, ou seja, a uma não estrutura.

#### **2.3.1. Estrutura esquizomorfos (heroica)**

A estrutura heróica é caracterizada pela ação heróica do personagem (esquizomorfia) que serve de tema central ao conjunto da composição. A estrutura temática se organiza em torno de três elementos essenciais: o personagem, a espada e o monstro. A função do monstro nessa categoria de temas é a de representar um perigo existencial, uma ameaça para o personagem, ou um obstáculo, um perigo para a vida, para os seus parentes, para a sua habitação.

O personagem se serve funcionalmente de uma espada para se defender ou atacar o monstro/perigo. Yves Durand esclarece que a morfologia da espada e o modo de utilização dela pelo personagem “vão situar o poder deste último em relação ao monstro/perigo/morte” (Durand, 1988: 75-6). O agrupamento simbólico monstro-espada-personagem é “susceptível de variações segundo as modalidades de relação de antagonismo do monstro ao personagem” (Durand, 1988: 77). Disso decorrem duas possibilidades: o universo mítico-heróico de forma positiva, quando o personagem tem vantagem no combate, e o universo mítico-heróico de forma negativa, quando o herói morre ou não vence o monstro na luta travada/imaginada.

### **2.3.2 Estrutura antifrásica (mística)**

As construções místicas se caracterizam pela “atmosfera de descanso, de equilíbrio, de harmonia dentro da qual se desenrola a vida do personagem” (Durand, 1988: 79). As estruturas de soluções místicas são definidas pela organização do espaço, cujo refúgio constitui o elemento de base. Geralmente, trata-se de um lugar calmo, uma proteção contra um perigo existencial. Entretanto, Yves Durand (1988) ressalta que a existência do personagem não é sempre calma, pois o refúgio pode perder sua função de proteção e pode ocorrer um espaço de insegurança devido aos perigos múltiplos, como por exemplo: o monstro ocupar a caverna ou a casa/refúgio. A atuação dos elementos monstro e espada soam confusas e a solução da história pictografada/narrada definirá os subconjuntos desta estrutura.

### **2.3.3 Estrutura sintética, dramática ou disseminatória**

Ives Durand (1988) considera os universos sintéticos como extensão dos universos heroicos e místicos. Assim, o personagem participa de um duplo universo heroico-místico. Três processos são possíveis nesses universos sintéticos, de acordo com o autor. O primeiro oferece um caminho dialético às trocas simbólicas, graças a uma redução da força de coesão que une os arquétipos de uma polaridade e permite à polaridade oposta se atualizar.

O segundo consiste em redobrar ou desdobrar a representação do personagem, no intuito de representar dois universos. O terceiro compreende a introdução de uma disjunção figurativa entre os dois polos temáticos (representados separadamente no desenho) e de uma continuidade temporal numa narração pela qual o personagem pode viver sucessivamente dois episódios existenciais. Pode, portanto, se apresentar de forma diacrônica ou sincrônica.

### **3 O Arquétipo Teste de Nove Elementos - AT-9**

O Arquétipo Teste de Nove Elementos – o AT-9 - foi criado pelo psicólogo francês Yves Durand. Segundo Migliorini (1999: 173), este “teve como objetivo colocar empiricamente à prova a arquetipologia geral de Gilbert Durand e não sugerir princípios em uma teoria psicodinâmica em específico, mas uma qualificação compreensiva das imagens”. O teste é composto de nove estímulos arquetípicos que levam à emergência do imaginário no trajeto antropológico; são eles: queda, espada, refúgio, monstro devorante, algo cíclico (que gira, produz ou progride), personagem, água, animal (pássaro, peixe, réptil ou mamífero) e fogo.

Segundo Yves Durand (1988), os elementos arquetípicos do Teste AT-9 possuem caráter funcional e semântico, pois, enquanto a queda e o monstro devorante são estímulos que suscitam mais comumente o problema do tempo e da morte, a espada provoca a resposta do tipo heroica diante da morte, ou da angústia universal; o refúgio é um elemento que provoca os arquétipos antifráscos; já o elemento cíclico provoca os arquétipos sintéticos; a água, o animal e o fogo são estímulos complementares no teste.

Yves Durand se pergunta: “o que é um A.T.-9 estruturado senão um micro-universo mítico qualificável por um motivo temático preciso (heroico, místico etc.) e em torno do qual se ordenam funcionalmente e/ou simbolicamente os nove elementos do modelo?” E, desta reflexão, ele propõe definir os actantes como “sistemas de energia dramática potencial.” (Durand, 1988, como citado em Loureiro, 2004b: 9). Os nove elementos do teste são estímulos arquetípicos que trazem à tona a estrutura do imaginário do sujeito-autor (suas angústias, medos, esperanças, mitos). Podem ser lidos na organização relacional das suas imagens representacionais, consteladas em torno de um nó aglutinador – energia psíquica, ponto imantado.

Eles provocam a emergência do imaginário atingindo o trajeto antropológico, possibilitando a identificação do regime e da estrutura daquele conjunto de imagens, do universo mítico registrado no protocolo do teste. (Loureiro, 2004b: 23-31).

O teste pode ter: uma primeira página, que corresponde ao preenchimento dos dados pessoais e de outros possíveis dados de identificação (escolaridade, local onde mora, há quanto tempo e outros); em seguida, uma página contendo em seu cabeçalho as instruções. Uma terceira página em que se pede para o sujeito contar por escrito, a história do seu desenho por intermédio de uma narrativa; e, na última página, pede-se respostas a um pequeno elenco de perguntas e o preenchimento de um quadro com os seus papéis e funções, bem como as representações (imagens) e os simbolismos atribuídos a cada um dos elementos do teste, pelo sujeito-autor.

Construir as bases do grupo do SESC sob o prisma das “bacias semânticas”, formas estas que nos ajudam a “discernir segmentos semântico-estilísticos de longa duração.” (G. Durand, 1996: 163), ao ampliarem a visão para os princípios de escoamentos e organizacionalidade, partidos da necessidade do grupo. A “casa” – SESC - em constante projeção unida entre o seu verso e o reverso, climatiza o meio e possibilita a parte compor o todo, e a este consignar novas partes e vice-versa - participa da organização como organismo vivo, como “totalidade viva” que se altera na constante comunhão com seus iguais e com seus diferentes; vive da organização vista como interna e externa como homem-meio, portanto com possibilidade de auto-organização, ou seja, “atualização de reatualização de uma finalidade ou de um programa.” (Paula Carvalho, 1990: 17). Estes fatores de diferenciação e integração nas redes sistêmicas, com seus mais diversos matizes nos levaram a buscar, por meio das histórias de vida e do Teste AT-9, os vetores utilizados pelos idosos para a construção e elaboração de suas próprias vidas, observando os dados utilizados na re-construção e participação destes indivíduos como membros do processo social.

#### **4. Caminhando nos jardins da casa da filosofia clínica**

Os seus rasgos são aqui, antes de mais, variabilidade em grau extremo, ainda não se encontra separada da pessoa, o canto altera-se em cada novo momento, a melodia modifica-se sem cessar, a dança é,

etc., a pantomina gera-se no momento. Resulta assim vinculação à pessoa, variabilidade constante, diversidade sem limites.

(Dilthey, 1992).

O panorama da Casa da Filosofia Clínica, que imagetivamente transpomos ao SESC, cria a representação de um campo de reflexão filosófica, que apresenta sua forma de agir para com as questões existenciais colhidas nas historicidades dos idosos que partilharam suas vidas. Partimos da apresentação do trabalho de um filósofo clínico na linha terapêutica e adaptamos os procedimentos da Filosofia Clínica que se instrumentalizam em três etapas de análise: exames categoriais, estrutura de pensamento e submodos. Aqui, somente nos utilizaremos de duas destas etapas, exames categoriais e estrutura de pensamento. Este instrumento será abordado com o intuito de fazer a leitura das representações presentes nos relatos das histórias de vida dos idosos.

Ao explorar as cinco categorias (assunto, circunstância, lugar, tempo e relação) admitidas pela Filosofia Clínica, o filósofo forma um conceito bem estruturado do mundo da outra pessoa, uma representação para si mesmo da representação do outro. Por meio dos exames categoriais conhecemos a situação existencial, ou seja, a maneira como a pessoa vivencia a si mesmo, sua época, os costumes, a sociedade, enfim, quando as cinco categorias são acopladas temos uma localização existencial da pessoa.

No contexto estrutural diário circunstanciamos em nossa vida conteúdos que nos levam a entorpecer a caminhada, a formar um turbilhão em nossa cabeça, a nos tirar do eixo; estas questões fazem parte do contexto existencial em movimento trabalhado pela Filosofia Clínica. Para nós, isso representa a carga imediata, somada a cada etapa da historicidade, que acompanha nossa plasticidade, a provocar o acúmulo de conteúdos na malha intelectual. Com os elementos apresentados pela pessoa, podemos elaborar os choques existentes no tópico autogenia, com o intercalar dos dados desta estrutura de pensamento.

O filósofo procura saber o que faz a pessoa procurar por seus serviços: o que a trouxe a ele, o que a move em direção à terapia, com isso, é levantada a primeira categoria a que damos o nome de assunto imediato, reconhecendo-o como algo que nos é apresentado meio solto no ar, envolto em confusão, dúvidas e incoerências; quase sempre é apenas a resultante que incomoda de algo maior. Ele é somente um referencial de começo. Pode conter toda a resposta que se procura, pode ter muito pouco a ver com tal resposta e ser apenas um “sintoma”.

No assunto último vemos o que se relaciona às questões existenciais do partilhante de um modo mais abrangente, desde seu histórico até a condição de ser-aí. É a resultante da pesquisa que o clínico faz junto à pessoa e deve ser determinado pela pessoa, ainda que o clínico tenha suas opiniões a respeito. A Categoria Assunto nos informa rapidamente a questão e o jogo comunicativo em curso.

## **5. O Serviço Social do Comércio – SESC**

O SESC é uma instituição privada, mantida pelos empresários do setor do Comércio e Serviços que tem como missão a promoção do bem-estar e da melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores do Setor de Comércio e Serviços e respectivos dependentes através de ações de Saúde, Esporte e Lazer, Alimentação, Ação Social, Cultura e Educação. O SESC é uma Instituição de direito privado, de âmbito nacional, criada por meio de lei governamental em 13 de setembro de 1946. A entidade é mantida por meio de contribuições sociais obrigatórias do empresariado do setor de comércio e serviços, que também é quem administra a Entidade. Desde a sua criação, as ações se pautaram não apenas na condição de aliviar as situações desfavoráveis no âmbito individual, mas também na busca e promoção da transformação e progresso social.

O Serviço Social do Comércio do Distrito Federal começou a ser estruturado em 1964, com a criação da Agência de Atividades do Departamento Nacional. A partir de 1966, os comerciários brasilienses passaram a usufruir efetivamente das atividades oferecidas pela Entidade. Com mais de 40 anos de funcionamento o SESC/DF foi progressivamente ampliado para atender a maior parte da população residente na região que compreende o Distrito Federal. O atendimento especializado à terceira idade foi implantado em 1963, pelo SESC São Paulo, desde então, devido ao seu pioneirismo e excelência no atendimento, o programa tornou-se reconhecido no cenário nacional e internacional, e vem servindo de estímulo aos demais Departamentos Regionais na implantação de ações similares em atendimento a este segmento.

### **5.1. Os Grupos *Mais Vividos* do SESC no Distrito Federal**

*Ensina-nos a contar os nossos anos, para que tenhamos coração sensato. (Salmo 90, 12)*

O SESC/DF<sup>5</sup> atua há mais de 25 anos em iniciativas que objetivam proporcionar momentos de prazer, descontração e melhoria da qualidade de vida para as pessoas idosas através do Programa *Mais Vividos*. O programa é reconhecido por sua capacidade de promover a valorização e a interação social de senhores e senhoras da comunidade pertencentes aos arredores de suas entidades. Seu objetivo principal é desenvolver um conjunto de ações com os idosos, visando a torná-los indivíduos participativos, numa perspectiva biopsicossocial e de conscientização de cidadania, que possibilite a elevação da auto-estima e qualidade de vida, inserida na perspectiva institucional de atenção aos idosos frequentadores da Instituição. Para fazer parte de um destes grupos é necessário ter mais de 60 anos e possuir a carteirinha do SESC. O programa também admite pessoas mais jovens, desde que encaminhadas por médicos com laudo comprovando a necessidade de participação em grupos de socialização.

Para os dirigentes destes grupos, o idoso, muitas vezes, carrega consigo e é levado socialmente, a encarar o envelhecimento como uma fase da vida marcada por um doloroso processo de deterioração física e mental rumo ao abatimento, e, sobretudo, ao decréscimo do status social. A cristalização de hábitos, normas e costumes que nos são impostas socialmente, criam amarras incômodas e mutiladoras que marcam negativamente o envelhecer. Então, a coordenação visa a fazer-se necessário e redescobrir novos caminhos, através de ações educativas e propostas inovadoras cuja construção e execução não se dará como uma tarefa individual, mas social, implicando em mudanças de hábitos, aquisição de novas habilidades, atualização de conhecimentos, convivência grupal e social. Assumindo o SESC, dessa forma, o trabalho com Grupos de Idosos, aparece como um dos ramos de atuação do desenvolvimento, com responsabilidade social diante desse segmento coletivo.

No ano de 2008, o SESC atendeu cerca de 800 idosos nos grupos de terceira idade das unidades operacionais: Guará, Gama, Taguatinga Norte, Taguatinga Sul, Ceilândia, 504 Sul e 913 Sul.

Pioneira na iniciativa, a Unidade SESC 913 Sul desenvolve encontros semanais às terças-feiras, com dinâmicas de reintegração. Uma dessas dinâmicas é a “Tarde

---

<sup>5</sup> Os dados sobre os SESC/DF foram retirados do site [www.sesc.com.br](http://www.sesc.com.br), materiais de divulgação e entrevista com a Coordenadora Geral dos *Grupos Mais Vividos* dos SESC/DF, 2008.

Dançante”, em que os participantes deixam de lado a timidez e se divertem em um baile com músicas ao vivo. O Coral dos *Mais Vividos* da unidade já existe há 25 anos e é constantemente requisitado para apresentações.<sup>6</sup> Outras unidades do SESC/DF também atendem os idosos com atividades próprias e pertinentes às necessidades da comunidade. No SESC Taguatinga Sul e SESC Taguatinga Norte as reuniões acontecem às segundas-feiras. Os idosos participam de oficinas de dança circular e de teatro.

## 5.2. Os *Mais Vividos* do SESC de Taguatinga Norte-DF

Os programas para a terceira idade, gerenciados pelo SESC, criam um ambiente em que essa experiência de criatividade, autonomia e liberdade, que cada uma reconhece como possível, possa ser vivida coletivamente. A cada encontro a coletividade mobilizada reitera o que considera serem os *scripts* da velhice no passado, pondo em ação práticas tidas como inusitadas e que têm a garantia pública de que é possível e saudável envelhecer sem se confinar aos padrões antigos. As diferenças na quantidade dos recursos disponíveis em cada programa e o perfil sócio-econômico do grupo mobilizado possibilitam a identificação de que propostas inovadoras e radicalmente distintas estão sendo levadas a cabo em cada caso (Debert, 2004: 186).

A morada que nos dispomos a habitar, em função de um lindo convite da parte de um de seus membros integrantes, é o grupo dos *Mais Vividos* da Unidade do SESC de Taguatinga Norte-DF. Este grupo, instituído há mais ou menos cinco anos, conta com mais de 400 fichas de inscrições, sendo em média 140 pessoas presentes por reunião e uma participação ativa de 90% de pessoas do sexo feminino e 10% de pessoas do sexo masculino. As reuniões acontecem todas as segundas-feiras a partir das quatorze horas e com término às dezessete, no refeitório, auditório ou lanchonete, conforme a atividade que esteja programada para o dia e o número de pessoas presentes.

---

<sup>6</sup> No SESC Gama, as reuniões acontecem todas às segundas-feiras. A programação inclui: dança cigana, coral e grupos de voluntários, em que os idosos ministram aulas de trabalhos manuais. No SESC Guará, as reuniões ocorrem às quintas-feiras e o destaque fica por conta da dança cigana.

Uma boa parte dos componentes do grupo dos *Mais Vividos* pratica as atividades oferecidas pela unidade, como aulas de: dança, natação, hidroginástica, yoga, turismo, entre outras modalidades oferecidas pela Instituição.

O grupo é ativo e um importante colaborador nas campanhas de voluntariados: livros, agasalhos, brinquedo, encantando o Natal e outras beneficências realizadas para promover donativos.

Os Idosos do grupo Taguatinga Norte, com as motivações da Coordenação e se fazendo muito ativos, ganham as competições/campanhas apresentando o maior número de donativos arrecadados.

Há uma programação anual, conforme cronograma em anexo, com o levantamento de despesas que são custeadas pelo SESC. São realizados festejos conforme as datas comemorativas do calendário. Atividades culturais, aniversários do mês, palestras instrutivas, passeios e viagens. Há uma busca pela Coordenação do grupo em coordenar da melhor maneira possível esta interação. Suas metas estão voltadas a desenvolver um trabalho voltado para a qualidade de vida para os idosos que frequentam o grupo.

As atividades grupais visam a estimular o indivíduo a se relacionar com outras pessoas. Cada vez mais esta prática vem sendo estimulada, objetivando minimizar os efeitos de uma vida sedentária imposta pelos avanços tecnológicos e agregando valores qualitativos relacionados com a melhoria da qualidade de vida nos seus diferentes aspectos. Em uma das pesquisas para buscar estas formas de vida presente nos Idosos, foi realizada a pergunta em foco neste trabalho para ser refletida e discutida em grupo.

Destaca-se que nesta pesquisa foram consideradas as análises: estrutural, funcional e a elemental dos protocolos do teste AT-9 realizado com os idosos pertencentes ao grupo *Mais Vividos*. A partir da forma relacional como os estímulos arquetípicos - os nove elementos, sendo registrados nos protocolos: representação, função e simbolismo -, pode-se ver a estrutura do imaginário. Gilbert Durand (1989) distribui os conjuntos relacionais de imagens, como já anotado, em três estruturas: heroica, mística e sintética ou disseminatória, considerando também a possível presença da desestrutura: universo da não-estruturação.

## **6. Visão holonômica do trajeto antropológico na visita à casa dos *Mais Vividos***

Em nosso habitar as diferenças de plasticidades e singularidades, encontramos as casas, suas funções e as projetivas que estas fizeram e fazem diante das intemperanças da natureza e do passar do tempo a se transportar para uma diversidade de lugares: suas condições corpóreas ao suportar o sol e a chuva; as alternâncias da noite e do dia; a capacidade de superação das etapas da vida tanto nas calmarias como nos problemas. Buscamos conhecer os habitantes e as estruturas da Casa *Mais Vividos*. Observamos se a casa como sistema organizacional estabelecido deixa os idosos participarem como coadjuvantes ou atuantes na organização desta morada. Este processo holonômico a ser desvelado se deu nos protocolos do teste AT-9 e nas histórias de vida, fundamentando as pistas procuradas para a visão do todo e das partes que o panorama fenomenológico proporciona. Descrevemos as resultantes da abertura dada por estes habitantes/idosos, com o seu imaginário, na composição de cada pedaço do espaço/tempo ocupado na Casa *Mais Vividos* do SESC de Taguatinga Norte-DF.

## **7. (In) Conclusão - Paisagem Mental dos idosos *Mais Vividos***

Na tabulação dos dados míticos emergidos dos protocolos dos sujeitos idosos, constata-se a tendência à desestrutura, seguida da presença da estrutura mística impura, sendo que, nos outros dois protocolos aparece a síntese, estrutura disseminatória. Dentre os imaginários considerados desestruturados acontece uma tendência mística em um e noutro heroico, o que leva à constatação de um micro universo mítico. A Paisagem Mental do grupo surge nos testes com tendência à disseminação. Yves Durand (1988: 138) ressalta, em uma nota de rodapé da sua obra, que o teste poderia perder sua validade se considerada a idade dos sujeitos; dado pertinente a ser observado devido às desestruturas encontradas na análise dos protocolos do teste

O que impressiona é que eles dizem gostar do grupo, de estar no grupo, mas quando não se faz o que eles querem, migram para outros centros comunitários de idosos da cidade. Não lutam, eufemizam o desagrado fugindo para outro local em busca da paz. Andam, heroicamente, longe para terem somente o que gostam.

Reclamam, não aceitando o preestabelecido, o que caracterizaria a estrutura heroica, se não ficasse este heroísmo só nas palavras e sem ação; somente em palavras reclamam da organização, que parece já estar considerando as vozes destes idosos, que,

como folhas soltas ao vento, mudam de ideia constantemente, característica esta anotada também nas histórias contadas por eles. As idiossincrasias da pessoa idosa necessitam ser, não só respeitadas e consideradas, mas tratadas, para que estes atores não desestremem o ambiente onde vivem em grupo. Como bem reflete Maffesoli (2007):

É necessário acrescentar-lhe o papel da paixão, a importância dos sentimentos compartilhados. Convém nela integrar, *implicar*, o jogo dos afetos, a imprevisibilidade dos humores e até o aspecto factual das ambiências, sem esquecer a repercussão que sempre terá, em longo prazo, a memória coletiva, a memória das perdas e danos que, por sucessivas sedimentações, constituíram o sentimento de pertencimento próprio do fato comunitário. (2007: 38)

Eles podem ter seus imaginários reformulados e participarem com ações coerentes que qualidade de vida estas lhes trarão. É preciso notar que, dentre os protocolos AT-9 analisados, aparece o imaginário, deixando ver a síntese entre as duas estruturas básicas, esquizomorfia e antifrasia, situadas no regime noturno das imagens, o que leva à paz e ao aconchego no grupo, mas também à rebeldia heroica.. Lembrando Bachelard (apud Chevalier, 2003: 197) “a casa significa o ser interior, [...] seus andares, porão e sótão, simbolizam diversos estados da alma [...]. A casa é também o símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal”. Estes idosos que, nas histórias de vida apresentaram uma luta pela conquista de suas casas, pelo seu espaço, pela morada e habitação, ressoaram este dado, na categoria lugar, dado expressivo pela força da conquista implementada nos movimentos existenciais. *Não tenho nada, nem uma fazenda, só uma casa na Ceilândia, não tive muito futuro. Agora querem uma casa comum, um espaço de trocas e acolhimento, mas com coligação ao coletivo. Lugar alegre e de descontração, que lhes traga aconchego (antifrasia), com passeios e recreações (movimento disseminatório). Como muitas vezes foi dito: Já trabalhei muito nessa vida, aqui não é espaço para isso.*

O que de início poderia parecer uma impureza heroica, passa a se atualizar como outro nó aglutinador de imagens, e a estrutura disseminatória se apresenta como tendência forte na falta de coerência mítica que deixa ver a desestrutura a se pronunciar ou mesmo se estabelecer. Morin (1990: 31) mostra que esta impureza é necessária ao fluxo, como os “desequilíbrios que alimentam, permitem ao sistema manter-se em

aparente equilíbrio, em estado de estabilidade e de continuidade”. Para Fred Astaire, um dos sujeitos da pesquisa, “a epistemologia precisa ser reformulada em novos sistemas”. Agora na Velhice cabe a ele reconsiderar, analisar, levantar hipóteses, colher dados e não mais, fazer as coisas no ímpeto, é preciso repensar e trazer coisas que possam contribuir. *Tenho uma proposta que visa despertar os da melhor idade por serem criatura/criação. Nunca desisti de sonhar, pois “Deus” que é mais antigo, continua criando. O difícil se faz agora, o impossível só demora um pouquinho, é só acreditar.*

Assim, se deixam aqui vetores simbólicos para serem considerados na reorganização ou revisão da organização do SESC Taguatinga Norte, cenário que abrigava estes idosos no momento da coleta dos dados. A paisagem mental do grupo foi traçada. Convém agora refletir, considerar a importância de se conhecer mais profundamente os frequentadores das atividades oferecidas pela instituição, e processar as mesmas, com a participação destes idosos que ensaiam ter o imaginário desestruturado, ou que nela, já se encontram. É possível reestruturar estes imaginários, pois o trajeto antropológico é interior que leva em consideração o entorno, o contexto, dito por Gilbert Durand (1989: 29) como “intimações do meio cósmico e social”.

Lembrando que, se estes sujeitos são *Mais Vividos*, não significa que a sabedoria e a harmonia preenchem aqueles imaginários. Sendo que o imaginário tem potência organizativa, e que subjaz às ações, é preciso considerá-lo para com este conhecimento preparar, organizar com eles, ações conjuntas; para que esta fantasmática se transforme em uma fantástica. Fantasmas circulam na organização dos grupos. Sendo um grupo com um imaginário bem estruturado, as conseqüentes ações estruturadas acontecerão:

Aí está o elo fundamental entre entropia e neguentropia, que nada tem de uma oposição maniqueísta entre duas entidades contrárias; por outras palavras, o elo entre a vida e a morte é muito mais estreito, profundo, do que jamais se pôde metafisicamente imaginá-lo. Ordem auto-organizada só pode complexificar-se a partir da desordem, ou antes, pois que estamos numa ordem informacional, a partir do ruído (Morin, 1990: 47).

Caso contrário, como apareceu nesta amostra, em quatro dos sujeitos, 50% deles estão com um imaginário sem estrutura, e daí, as confusões e fusões observadas no cotidiano das aulas/atividades no grupo em referência. Este imaginário poderá se

reestruturar com as técnicas apropriadas, para tal, e o grupo assim, neguentropizado possa se harmonizar novamente e assim, constantemente (Morin, 1990), situar uma organizacionalidade antropolítica (Paula Carvalho, 1990), quer dizer, sempre se fazendo e refazendo, centrada no ser humano, neste neóteno, ser que muda. Gilbert Durand (1989: 288) lembra, e aceitamos oportuno transcrever neste final, que

Na tragédia mais sombria, mais catártica, é impossível excluir as doçuras da antífrase, é impossível dissociar [...] a purgação dos ressentimentos [...] e as ternuras sublimantes em relação aos bons momentos passados. Uma grande obra de arte só talvez seja totalmente satisfatória porque nela se mistura a tônica heroica da antítese, a nostalgia terna da antífrase e as diástoles e as sístoles de esperança e de desespero.

## Referências

- Bachelard, G. (1989). *A chama de uma vela* (Lins, G. C., Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. (1993). *A Poética do Espaço* (Danesi, A. P., Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2001). *O ar e os sonhos: ensaios sobre a imaginação do movimento* (Danesi, A.P., Trad.). São Paulo: M. Fontes.
- Baltes, P.B. & Smith, J. (1995). Psicologia da sabedoria: origem e desenvolvimento. In: Néri, A.L. (Org.) *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus.
- Bosi, A. Cultura como tradição. (1987). In: Bornhei, G. et al. *Cultura brasileira: Tradição/contradição*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (3ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Chevalier, J. & Gueerbrant, A. (2003). *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. (18ª ed.). Colaboração de André Barbault et al. Coordenação Carlos Sussekind. (Vera da Costa e Silva et al., Trad.) Rio de Janeiro: J. Olympio.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp.
- Dilthey, W. (1992). *Teoria das concepções do mundo* (Morão, A., Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Durand, G. (1989). *As Estruturas antropológicas do imaginário* (Godinho, H., Trad.). Lisboa: Editorial Presença.

- \_\_\_\_\_. (1993). *A imaginação simbólica* (Brito, C. A., Trad.). Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Campos do imaginário* (Reis, M.J., Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- \_\_\_\_\_. (2001). *O Imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem* (Levié, R.E.). Rio de Janeiro: DIFEL.
- Durand, Y. (1988). *L'exploration de l'imaginaire. Introduction à la modelisation des univers mytiques*. Paris: Espace Bleu.
- Faleiros, V. P. (2001). *Estratégias em Serviço Social*. São Paulo: Cortez.
- Faleiros, V. P. & Rebouças, M. (2006). Gestão Social por sujeito/idade na velhice. In: *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília: Universa.
- Hack, O. (2006). Filosofia Clínica e Hermenêutica: Um exercício do interpretar aberto ao compreender partilhado na montagem da historicidade de uma obra viva. *Revista Internacional de Filosofia Clínica* 2. Porto Alegre: Instituto Packter, semestral.
- \_\_\_\_\_ & Silva, M. J. A. (2006). Filosofia Clínica e Cinema: uma compreensão teórica e prática através de filmes. *Informação Dirigida*, 3 [S.1]: 9-23.
- \_\_\_\_\_; Loureiro, A. M. L. (2006). Historicidade e tempo na velhice como reflexo da história de vida. In: *Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, 15*. Goiânia. Anais eletrônicos. Goiânia. V. Único.
- \_\_\_\_\_. (2006). Prática Clínica em Consultório. In: *VIII Encontro Nacional de Filosofia Clínica*, 8. Goiânia. *Informação Dirigida: Revista Internacional de Filosofia Clínica* 3. Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. (2007a). Historicidade e tempo: Caminhos para um bom envelhecimento, exemplificados no filme *Conduzindo Miss Daisy*. In: Assumpção, Luis Otávio Teles (org.) *O Idoso e o Cinema*. Brasília: Universa.
- \_\_\_\_\_. (2007b). Reconstrução Instável. *Revista Filosofia Ciência e Vida: Especial - Filosofia Clínica*, 4, ano 1: 44-8. São Paulo.
- Hillman, J. (2001). *A Força do Caráter: e a poética de uma vida longa* (Sabino, E., Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Loureiro, A. M. L. (1998). *O AT-9 e o Imaginário*. Brasília: Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. (2000). *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. (2005). Maquete de emoções: emergências mítico-simbólicas no espaço de uma creche. *Cadernos de Educação*, 9(1). Cuiabá.
- \_\_\_\_\_. (2004a). O Conhecimento Científico e a Ideologia da “Terceira Idade”: a realidade na diversidade cultural. In: Loureiro, A. L. (Org.) *Terceira Idade: ideologia, cultura, amor e morte*. Brasília: Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. (Org.) (2004b). *O Velho e o Aprendiz: o imaginário em experiências com o AT-9*. São Paulo: Zouk.
- \_\_\_\_\_. (Org.) (2004c). *Terceira Idade: ideologia, cultura, amor e morte*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. (1999). Velhice: encantos, desencantos [...] reencantos. *Revista Humanidades*, 46: 77-87. Brasília.

- Mascaro, S.A. (2004). *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense.
- Maffesoli, M. (1999). *No fundo das aparências* (Gurovitz, B.H., Trad.). Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2007). *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno* (Marques, C., Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Migliorini, W. J. M. (2004). O AT-9 e as Imagens Simbólicas de uma Anciã Centenária. In: Lahud Loureiro, A. (Org.). *O Velho e o Aprendiz: o imaginário em experiências com o AT-9*. São Paulo: Zouik.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao Pensamento Complexo*. (Matos, D., Trad.). Lisboa: Piaget.
- Néri, A.L. & Freire, S.A. (2000). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus.
- Néri, A.L. (2005). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Paula Carvalho, J. C. de. (1990). *Antropologia das Organizações e Educação: um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Imaginário e metodologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida*. Londrina: UEL.
- Packter, L. (2000). *Cadernos de Filosofia Clínica*. Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Filosofia Clínica – Propedêutica*. Florianópolis: Guarapuvu.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Semiose: Aspectos Traduzíveis em Clínica*. Fortaleza: Gráf. e Ed. Fortaleza.
- Pitta, D. P. R. (2005). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica.

Recebido em 02/06/2010

Aceito em 20/06/2010

---

**Olga Hack** - Filósofa Clínica. Pedagoga. Professora do Curso de Especialização em Filosofia Clínica em Brasília. Especialista em Filosofia e Existência. Mestranda em Gerontologia pela UCB.

E-mail: [olgahack@yahoo.com.br](mailto:olgahack@yahoo.com.br).

**Altair M. L. Loureiro** - Dr.<sup>a</sup> em Educação - Antropologia das organizações e imaginário, pela Universidade de São Paulo-USP, com bolsa sanduíche na França e na Suíça; Prof.<sup>a</sup> no Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Gerontologia, na Universidade Católica de Brasília-UCB; Prof.<sup>a</sup> aposentada da Universidade de Brasília-UnB; Conselheira de Educação, no Conselho de Educação do Distrito Federal–CEDF.

E-mail: [altaira@uol.com.br](mailto:altaira@uol.com.br).